

FERRY, Luc; DARCOS, Xavier; HAIGNERÉ, Claudie. *Lettre à tous ceux qui aiment l'école*. Paris: Odile Jacob, 2003.

No final de 2003, os meios de comunicação noticiaram uma onda de protestos contra as reformas educacionais na França que passaram a proibir o uso de crucifixos, quipás, burcas e outros símbolos religiosos dentro da escola, visando a garantir o caráter laico da escola pública. Tais preocupações e disputas são apenas um dos aspectos envolvidos nas reformas educacionais que este livro vem justificar. O objetivo dessa *Carta a todos aqueles que amam a escola* está explicitado em seu subtítulo: explicar as reformas educacionais em curso na França. Para o leitor brasileiro, mais do que acompanhar tendências da educação em um país estrangeiro que nos serviu de modelo em tantos aspectos, o grande interesse está na discussão sobre problemas com projetos que ainda consideramos, em grande parte, modelares e, sobretudo, em refletir sobre os rumos buscados para superar tais dificuldades.

O autor principal, Luc Ferry, é o atual ministro da educação da França. Antes disso já era um filósofo bastante conhecido no meio acadêmico internacional por seus corajosos e profundos ataques ao pós-modernismo na cultura francesa. Dois de seus livros publicados em português, *Pensamento 68* e *Por que não somos nietzscheanos*, procuraram defender valores iluministas e republicanos que, no contexto atual, são muitas vezes vistos como conservadores.

O intuito da reforma é vencer o que é identificado como uma crise, cujos sintomas são a valorização da inovação em detrimento da tradição, da autenticidade a despeito do mérito, da diversão em lugar do esforço, da liberdade ilimitada em vez da liberdade regrada pela lei. Trata-se, enfim, de reverter uma série de posturas e práticas que, lá e cá, têm caracterizado o ensino. De acordo com os autores, a melhoria da qualidade do ensino dependeria do combate à perspectiva demagógica

*Professor do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação – UFMG.

que colocou o aluno no centro do sistema educacional. Por isso, eles se empenham na defesa do papel da escola tradicional, do papel da transmissão de saberes, da autoridade do professor e do trabalho dos alunos, como forma de remover a crescente insatisfação em relação ao sistema escolar. Empenho prático – as reformas estão em curso – e teórico, com apresentação de idéias para exame e discussão pública.

A primeira parte do livro é um diagnóstico sobre a situação do ensino escolar na França. Entre os dados apresentados como alarmantes está a constatação de que 15% dos alunos chegam à *sixième* (equivalente à nossa 5ª série) sem saber ler e escrever direito, o que, de acordo com a análise do ministério francês, significa o ressurgimento do analfabetismo. Outra constatação enfatizada é o crescimento da evasão escolar, expressa nos 158 mil jovens que deixam o último ano sem diploma ou qualificação. Além desses dados, há drástico aumento de casos de violência escolar. As cifras, alarmantes para eles, parecem irrisórias para nós, quase acostumados a outra realidade, muito mais assustadora. Mas a preocupação não deixa de ser tocante, pois revela, justamente, um zelo extraordinário com a educação e uma inquietação com seus problemas.

Surpreendentes também são as “raízes do mal”, identificadas pelos autores e tratadas no segundo capítulo. Elas se encontram, basicamente, no individualismo. Luc Ferry já escreveu bastante sobre a perspectiva individualista na modernidade e seu peso na filosofia política, mas na *Carta a todos que amam a escola* o tratamento do tema é vago e é bem ligeira sua associação com os males da educação contemporânea, como a ênfase na criação e na inovação ilimitada, no descaso com a tradição e, até mesmo, nas concepções comunitaristas (leia-se multiculturalismo), contra os quais a reforma busca reafirmar os princípios republicanos.

Assim, diagnosticada a crise na educação, são apresentadas, na segunda parte do livro, dez propostas de reforma, que sintetizo a seguir: 1) Prevenir e combater o analfabetismo. Em termos práticos, o que é sugerido é o aumento dos exercícios obrigatórios de leitura e escrita. 2) Revalorizar a vida profissional e repensar, desde a escola, a articulação entre o ensino geral e o ensino profissional; 3) Reformular os ciclos básicos das universidades, com melhores orientações e cursos de cultura geral adaptados a cada formação; 4) Combater a violência e a barbárie contra os professores; 5) Integrar os portadores de deficiências; 6) Favorecer o engajamento dos jovens em projetos de utilidade pública e desenvolver entre eles o sentimento de responsabilidade social; 7) Melhorar a formação dos professores. As licenciaturas, de acordo com o diagnóstico, cederam a uma multiplicidade de

demandas e transformaram seus programas num mosaico difuso, cabendo, então, recentrar a formação nas exigências do ofício de professor; 8) Favorecer a mobilidade dos estudantes entre diferentes cursos em toda a Europa e oferecer maior autonomia às universidades, de forma a valorizar suas especificidades e a criação de centros de excelência; 9) Revalorizar o lugar da ciência na sociedade e impulsionar as carreiras científicas; 10) Descentralizar a administração de maneira que os estabelecimentos de ensino tenham maior autonomia de gestão e incentivo à implementação de avaliações de qualidade.

Esses dez itens são apresentados como prioridades entre muitas outras medidas a serem tomadas. Segundo os autores, tais prioridades propiciariam a melhoria da qualidade e a eficácia crescente das funções dos estabelecimentos de ensino.

Embora as propostas sejam polêmicas, seus autores têm a seu favor a justificativa de colocá-las como início de um amplo debate público. Apresentar idéias de forma clara, sem procurar dourar a pílula, e fazê-las chegar a todos os professores de maneira a promover o debate com o conjunto da sociedade, é mais que louvável. Mas a forma encontrada acabou fazendo com que a edição (co-edição com editora privada) e a distribuição – o ministério enviou uma cópia a todos os 800 mil professores e colocou-os a venda em bancas de jornal de todo o país – fossem também algo polêmicas. Embora os autores tenham aberto mão de seus direitos autorais, foram acusados de se promover às custas do dinheiro público.

Apresentadas e justificadas as propostas que compõem a parte substancial do livro assinado pelo ministro-filósofo, seguem dois textos anexos, um intitulado "Aonde queremos ir", de autoria do secretário de ensino, Xavier Darcos, e outro, "Amanhã, a ciência", escrito pela secretária de pesquisa e novas tecnologias, Claudie Haigneré. É sobre esse último que gostaria de me deter um pouco, na tentativa de entender a ênfase que se dá ao nono item da reforma preconizada – a revalorização da ciência –, pois todas as outras prioridades da reforma (combate ao analfabetismo e à violência, melhoria da formação dos professores, descentralização administrativa, etc.) parecem estar vinculadas mais a mudanças de atitude e a medidas políticas do que dependentes do avanço científico.

Num esforço de sensibilização para a importância da cultura científica na educação, Haigneré faz profissão de fé nas potencialidades da ciência. Trata-se da defesa do lugar central da pesquisa científica na política governamental, da qual dependeriam o avanço do conhecimen-

to, a difusão dos saberes, o crescimento econômico e o progresso social. A situação atual da ciência francesa é vista como declinante, o que estaria enfraquecendo a França em todos os domínios. Por isso, faz apelo patriótico e, a meu ver, ufanista para se reverter esse quadro: "É chegada a hora de devolver à pesquisa francesa seu devido lugar" (p. 159).

Em linhas gerais, a idéia é otimizar os dispositivos de pesquisa, criando uma atmosfera social de apoio à pesquisa básica, tentando evitar o isolamento entre a ciência e o senso comum, fazendo com que o conjunto dos cidadãos entenda os desafios colocados aos cientistas e a responsabilidade social deles. Por isso, prega-se a partilha sempre renovada daquilo que "condiciona nosso futuro individual e coletivo". Portanto, além de investimentos para criação de infra-estruturas mais sofisticadas e incentivo à cooperação européia, o texto defende o investimento na educação científica, tanto para arregimentar novos talentos, quanto para formar uma atmosfera mais favorável de apoio ao desenvolvimento científico.

Assim, a ciência é descrita como uma aventura criativa. O trabalho dos cientistas é retratado como árduo, rigoroso e fruto de desprendimento pessoal, mas a aprendizagem da ciência poderia ser deslumbrante e divertida. A audácia é recomendada aos professores, de forma que todos ambicionem, por exemplo, uma nova revolução copernicana na biologia. "Por isso é necessário inculcar um desejo de ciência bem cedo em todas as crianças. Nós devemos também abrir as perspectivas, a fim de que elas possam se projetar no futuro com a convicção que poderão modelá-lo" (p. 171).

Ao longo da *Carta a todos os que amam a escola*, é notável a descon sideração das discussões que vêm sendo feitas no campo de educação. Mas se considerarmos que, como uma espécie de panfleto, seu intuito é defender uma proposta de reforma, torna-se mais aceitável a apresentação de idéias e lugares-comuns sem maiores ponderações. E, afinal de contas, panfletos, ainda quando não são convincentes e instigantes, são menos dissimulados e ajudam a perceber melhor as diferentes perspectivas.